

« O ATLETISMO BRASILEIRO »

Capitão WENCESLAU MALTA, Instrutor da Cadeira de Atletismo da Escola de Educação Física do Exército e Campeão individual Pan-Americano, em 1959, do Pentatlo Moderno.

Quase constrangedora a análise do quadro anexo de recordes de atletismo. Nenhum recorde mundial para o Brasil. Nossos melhores resultados, muito aquém daqueles. Apenas 5 recordes sul-americanos! Enquanto a Argentina, com menos de um terço da nossa população, detém oito recordes.

Serão nossos atletas, inferiores, física ou tecnicamente? Afinal, nossa miscigenação torna-nos física e moralmente inferiores a europeus e norte-americanos?

Nada disto em realidade existe. O «mito» de sub-raça há muito foi superado. Até o próprio conceito de raça está ultrapassado. Falar em raça pura, superior, demonstra desconhecimento absoluto de história, sociologia e etnografia. O nosso atleta, como homem, representado por seus valores físicos, psíquicos e morais, é tão bom quanto qualquer outro.

Existe, sim, melhores ou piores condições de vida. Há um maior ou menor difusão de determinados esportes. Há o problema econômico. Há, dependendo do esporte, grande ou pequeno número de técnicos reais conhecedores do assunto. Há grande ou pequena massa de praticantes. Há boa ou má organização desportiva, com reflexos sobre a prática do desporto.

Estes são realmente os termos de discussão do problema. Não em termos de raça superior ou inferior.

Sejam dadas a qualquer atleta brasileiro boas condições de vida, treinamento e de meio ambiente esportivo e suas performances provarão tais afirmativas.

Analisemos, sucintamente, alguns desportos e veremos quais exatamente os seus problemas. Veja-se, por exemplo, o futebol.

Grande massa de praticantes. Em qualquer recanto do Brasil encontramos o campo de futebol, a «peluda». Desporto grandemente difundido, com milhões de aficionados e executantes, sempre presenteou o Brasil com boas apresentações. Nunca, porém, até 1958, ganhara um campeonato mundial.

Deu-se ao futebol a organização que faltava, propiciando ao «ás» em potencial condições de vida favoráveis, com assistência médica permanente, alimentação adequada, vitaminas, repouso, até assistência psicológica e fômos bicampeões mundiais.

Havendo grande massa de praticantes, como é o caso do futebol, há a concorrência, a disputa entre os jogadores que resulta benéficamente no aprimoramento da técnica individual, em melhoria de performances.

Mesmo sem fazer comparações, trata-se de desporto não profissionalizado, analisemos o Atletismo. Dos 22 Estados da União, apenas 15 têm Federação de Atletismo e destes 15, apenas 5 (pasmem!) participam de Campeonatos Brasileiros! Apenas 5 Estados!

Isto representa um número ínfimo de praticantes de atletismo, levando-se em conta que temos 70 milhões de habitantes.

No último campeonato brasileiro realizado em Porto Alegre, por exemplo, conseguimos reunir 12 corredores de 100 metros; e todos com marcas além de 10,4 segundos, resultados insignificantes para a atualidade. Apenas 4 federações participaram deste Campeonato!

Imagine-se o absurdo de pensar que num país como o Brasil, conseguimos reunir num campeonato brasileiro apenas 10 atletas na prova de salto com vara e todos com resultados aquém dos 4 metros, quando as marcas americanas e europeias beiram e superam os 5 metros.

Fala-se comumente que o problema do atletismo brasileiro é a falta de técnicos especializados, principalmente oriundos de outros países de nível técnico atlético mais avançado.

Já os tivemos, tanto alemães como norte-americanos, que ministrando cursos aos nossos técnicos em vários centros esportivos brasileiros, quer mesmo contratados pelo órgão máximo do atletismo brasileiro, a CBD.

Tivemos também visitas e exhibições de grandes campeões mundiais nas nossas pistas.

Não é, pois, o conhecimento da técnica que nos falta. Observe-se uma competição de atletismo no âmbito brasileiro, os estilos dos saltos, corridas e arremessos são idênticos aos dos campeões destas diferentes modalidades.

E por que, então, índices tão baixos?

A resposta ainda é a mesma: reduzido número de praticantes.

É natural, comum e humano, o «acomodamento» do atleta quando se sente absoluto na prova e sem rivais. No momento, por exemplo, um atleta que salte 1,95m em altura, ganha qualquer competição no Brasil e faz parte de qualquer equipe representativa do país. Ele é o melhor. Não há outro que o possa «ofuscar». Com este resultado, ele dá pontos e vitórias para o clube a que pertence, ganha medalhas, títulos e integra as representações brasileiras. Haverá muito empenho deste atleta em melhorar sua performance?

Imagine-se agora o empenho deste mesmo atleta que fosse se defrontar com outros 20 de igual performance. Tanto ele quanto os 20 outros estariam se empenhando a fundo, sempre, para melhorarem seus resultados.

No 1º caso, não há empenho nem do atleta, nem do técnico do clube. A ambos, aquele resultado mediocre já lhes satisfaz. Dá-lhes glórias, títulos, vitórias e «scalação» nas equipes representativas.

E assim se passa em todas as modalidades atléticas.

Chegamos, finalmente, à conclusão que a solução do problema está na popularização e difusão do esporte-base. A solução não é imediata e nem fácil. O trabalho deve ser paciente, profundo e persistente, limitando-se apenas a lançar as sementes, sem visar uma solução imediata, única ou definitiva.

Eis aqui, algumas partes deste paciente trabalho a longo alcance:

1º — Realizar as competições dos Campeonatos Brasileiros e Troféus Brasil em cidades do interior que tenham ligas atléticas filiadas às Federações Estaduais.

MOTIVOS: Um Campeonato Brasileiro realizado numa cidade do interior é um fato inédito para aquela cidade. Normalmente não existem outras atrações esportivas como nas grandes cidades (futebol, basquetebol, vôleibol, natação, corrida de cavalos, tiro ao alvo, etc). O público seria muito mais numeroso. A renda muito maior, portanto.

2º — Precedendo a estes campeonatos e troféus, realizações de palestras, exibição de filmes referentes ao assunto, distribuição de regras e manuais especializados para técnicos, atletas e demais professores de Educação Física. Estas palestras seriam realizadas, de preferência, em Colégios e Ginásios locais, buscando-se sempre incentivar a juventude.

MOTIVO: Um bom filme ou uma palestra bem orientada pode dar ao jovem o gosto pela prática atlética.

3º — Distribuição de manuais técnicos e regras de atletismo a todas as Federações de atletismo do Brasil. Esta distribuição poderia ser feita mesmo pelo correio.

MOTIVO: Todos os professores de Educação Física e técnicos em geral, carecem de fontes de consulta onde possam atualizar seus conhecimentos.

4º — Realizar todas as competições de âmbito municipal, estadual ou nacional, de portões abertos, isto é, franqueadas ao público. Sempre que possível, realizá-las em praças desportivas da cidade, ficando dos clubes.

MOTIVO: Grande parte do público deixa de assistir às competições atléticas por serem estas em caráter quase reservado, restritas aos clubes e associados.

5º — Instituir provas tais como: «Procura-se um campeão» ou «Dia do Atletismo» ou «Atleta do futuro», etc. Realizá-las de preferência nos estádios da municipalidade ou em clubes, com os portões abertos ao público. Estas provas seriam de caráter individual, disputadas com inscrições feitas na hora em que os jovens a disputariam, mesmo sem uniforme adequado e sem filiação a qualquer clube. Oferecer medalhas, como incentivo, aos vencedores.

MOTIVO: Dar-se-ia, assim, oportunidade para o aparecimento de futuros valores e de estímulo aos jovens de qualquer idade, em participar de uma competição atlética.

6º — Organizar, principalmente em cidades do interior, exhibições de equipes atléticas integradas por campeonos e outros ases do atletismo brasileiro. Estas exhibições seriam sempre precedidas de propaganda, através da imprensa escrita e falada.

MOTIVO: Pouquíssimas cidades do Brasil tiveram ou têm a possibilidade de apreciar um «ás» do atletismo nacional durante a disputa de uma prova. Quantos não se tornarão adentos, admiradores e entusiastas do espor-

riores sem sintomas. Os médicos especialistas citam como indícios indiretos destas lesões a mudança da personalidade.

Esta mudança de personalidade nada mais é que a gíria pugilística denominada de «SONADO».

O termo sonado que corresponde à demência traumática dentro da Psiquiatria nada mais é que aquela produzida em consequência de traumatismos orgânicos que lesem o encefalo.

A demência é a perda primária e permanente da inteligência adquirida nos primeiros anos de vida e ligada à existência de lesões dos centros encefálicos.

A demência não começa bastante clara, somente acentuando-se paulatinamente. É justamente isto que constitui o grande perigo.

Quantos pugilistas já iniciados em seus processos de demência, apresentando, portanto, lesões encefálicas continuaram a lutar, acelerando este processo degenerativo.

A demência, quando em fases iniciais, só pode ser diagnosticada por comparação de exames psicológicos feitos antes e depois do indivíduo iniciar-se na prática do boxe. Como os pugilistas não são submetidos a esta espécie de exame, seu diagnóstico torna-se impossível.

A demência, já instalada, apresenta a seguinte sintomatologia, na qual o pugilista sonado penetra paulatinamente.

QUADRO DO SONADO

- 1 -- Percepção lenta e falha
- 2 - Memória: amnésia de fixação (não consegue aprender coisas novas) e com a evolução do processo torna-se retro-antegrada (incapaz de adquirir novas recordações e passa paulatinamente a perder as já adquiridas)
- 3 - Atenção diminuída
- 4 - Diminuição da compreensão
- 5 - Orientação alterada
- 6 - Humor instável
- 7 -- Afetividade instável
- 8 - Modificações da personalidade
- 9 - Ilusões e alucinações

O «sonado» é altamente sugestionável e daí a facilidade de cair nas garras de empresários e treinadores inescrupulosos.

Analizamos as causas, esmiuçamos os efeitos, restamos sugerir as medidas que julgamos necessárias à preservação do homem, já que extinguir a atividade pugilística é impossível.

Aumentar o acolchoamento das luvas e reduzir o seu peso, desta forma a massa será diminuída e a superfície contundente aumentada, o que diminui a força viva e o poder de penetração do impacto.

Reduzir ao mínimo necessário, para a proteção das mãos, o uso das bandagens.

Diminuir de maneira considerável o número de «rounds» das lutas, reduzindo, desta maneira, a ação traumática prolongada, e mantendo uma maior resistência orgânica do homem.

Manter os praticantes, sejam eles amadores ou profissionais, sob controle médico permanente, submetendo-os a exames clínicos periódicos, fazendo dos eletroencefalogramas rotina, e a testes psicológicos sistemáticos.

O uso do teste tem ainda a finalidade de dar a conhecer ao treinador de uma maneira profunda a personalidade de seu atleta, podendo, desta forma, aumentar a sua influência sobre o mesmo.

O boxe é um grande esporte, mas a vida Humana tem bem maior valor.